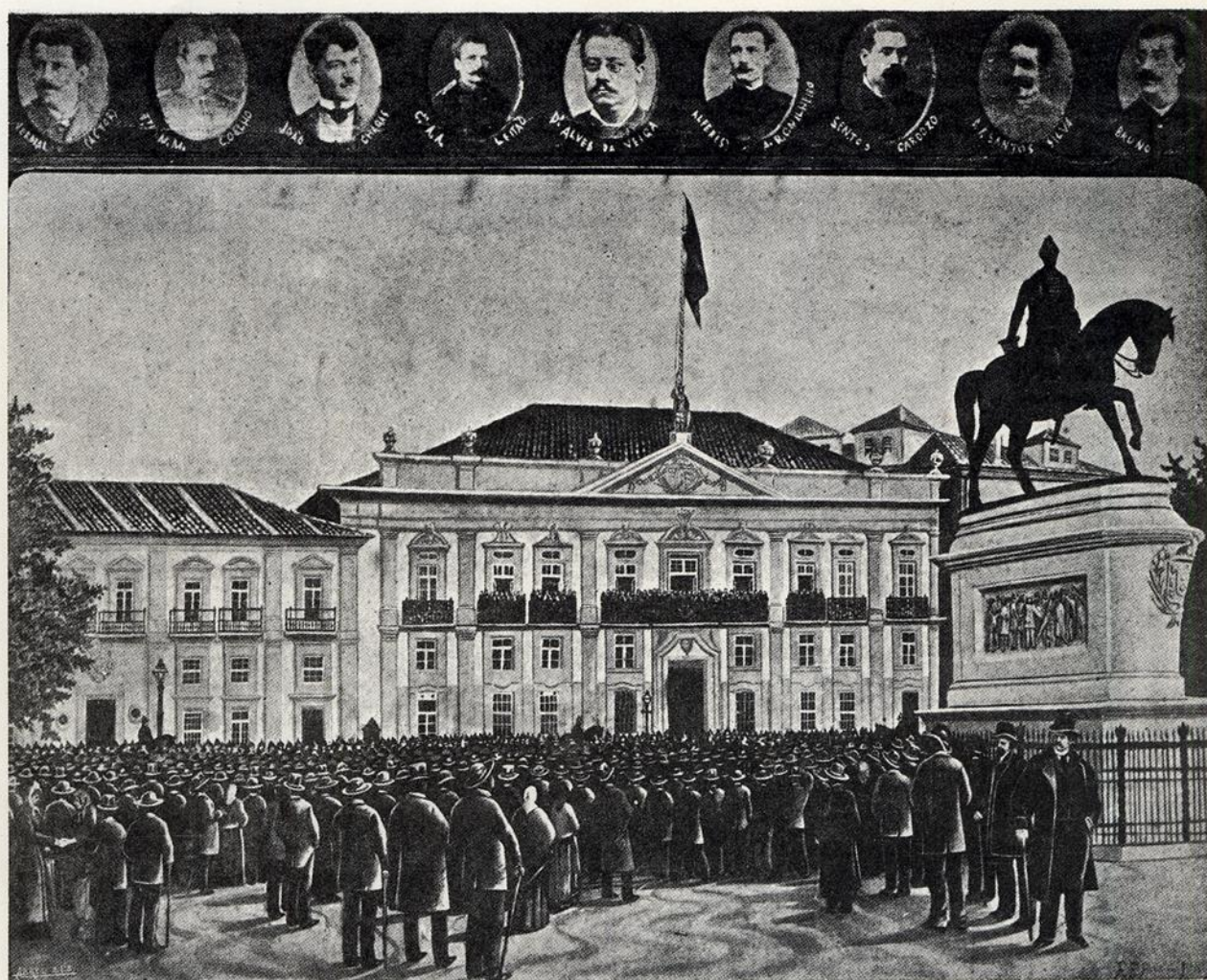


31 de Janeiro de 1891—31 de Janeiro de 1911

O FACTO E OS HOMENS



A estampa photographica que n'este cartão, em reproducção ampliada, se offerece ao publico culto do nosso paiz é de uma insigne raridade. Afóra o exemplar que eu possuia, pelo vir a encontrar em casa da familia, no regresso de minha emigração, não sei da existencia senão de mais dois, um dos quaes serviu para a publicação que hoje se faz.

Representa a estampa o acto da proclamação da Republica Portuguesa no Porto, na memoravel manhã em que da varanda central da casa da Camara foi lida ao Povo, entusiasticamente agglomerado e saudando na Praça, perante as forças militares sublevadas formando, a lista dos membros que constituiriam o Governo Provisorio da Nação. E a estampa apresenta no topo a todo seu comprimento, em medalhões successivos, os retratos de varios dos personagens salientes no movimento revolucionario.

Precisamente o da extrema direita é o de quem lera ao Povo essa lista do Governo Provisorio, e foi Miguel Verdial, o qual tomara uma parte activa nos protestos patrioticos após a affronta que nos fôra infligida pelo ultimatum de lord Salisbury, aos 11 de Janeiro do anno anterior ao da revolução do Porto, da qual foi a causa proxima. Miguel Verdial fôra quem no comicio academico do theatro do Principe Real aventou a idéa da constituição da *Liga Patriótica do Norte*, que veio a ser presidida por Anthero de Quental, e quem indicou, entre aclamações, os nomes das pessoas que a deviam compôr. Julgado em conselho de guerra pelos tribunaes de Leixões, foi condemnado a degredo para a costa de Africa, d'onde conseguiu evadir-se, por modo audacioso e perigoso, fazendo-se encerrar, com o fallecido capitão Leitão, dentro de uma caixa, que foi transportada como um fardo de despacho para bordo de um navio de carga francez. No decurso da viagem, porém, o capitão do navio deu fé da extranha mercadoria que transportava e Verdial e o seu companheiro de aventura foram presos, mettidos no porão, de sentinella á vista e ferros aos pés, e emfim entregues ás auctoridades portuguezas, que os encerraram nas masmorras d'uma fortaleza. Mas a população branca, n'um impulso irresistivel de generosa sympathia, veio nobremente em socorro dos perseguidos, facultando-lhes os meios de fugir de novo, o que obtiveram embriagando previamente a guarda negra e conseguindo, ao cabo de perigosos trabalhos, attingir as colonias francezas, d'onde os dois foragidos vieram a alcançar o Havre e depois Paris. Em França e ao deante na Hespanha esteve seguidamente exilado Miguel Verdial e tambem em Portugal logrou esconder-se da perseguição policial que o procurava, abrigando-se em casas amigas em varios pontos do paiz e até mesmo aqui no Porto, onde aliás não dera com elle, apesar de numerosas mas infructuosas buscas. Em Portugal se encontrava elle homisiado quando veio a amnistia, serodia e ás pinguinhas.

Ao lado do de Miguel Verdial está na estampa o retrato do então tenente Coelho, que o era de infantaria n.º 10 e que, condemnado tambem nos conselhos-de-guerra de Leixões, foi companheiro de Miguel Verdial no degredo da costa de Africa, onde cumpriu integralmente a pena que lhe fôra dada em vingativa sentença e por não ter sido comprehendido na ratinhada amnistia que, de má vontade e

intermittentemente concedida, a opinião publica só aos bocados conseguiu arrancar ao rancor inexoravel d'uma realza simultaneamente cynica e cruel. O ex-tenente Coelho, voltando a Portugal, fundou no Porto um jornal republicano da tarde, intitulado a *Folha do Norte*, de que foi correspondente em Lisboa Gomes dos Santos e no qual collaboraram, além do que estas linhas escreve, o fallecido Arthur de Seabra, Julio Lobato, Ayres de Carvalho, Heliodoro Salgado e Corregedor da Fonseca.

Ao tenente Coelho segue-se o capitão Leitão, que foi o chefe militar da revolta e que era um soldado corajoso, disciplinador e intrepido, republicano de convicção, firme na sua fé e leal companheiro. O seu typo militar era tam flagrante que em Paris se dava frequentemente o caso de, indo elle de passeio, naturalmente á paisana, soldados francezes que por elle passavam lhe fazerm a continencia, o que o fazia sorrir, n'um desvanecimento ingenuo.

O centro da estampa é occupado pela oval que contém o retrato do chefe civil da revolta, o dr. Alves da Veiga, ao lado esquerdo de quem está o retrato do alferes Malheiro. Este, extremamente joven na occasião, portou-se com brio e generosidade; elle foi quem primeiro sahiu do seu quartel, conduzindo o seu regimento de caçadores n.º 9 até ao Campo de Santo Ovidio, onde houve de o formar em quadrado, na expectativa de uma carga de cavallaria, commandada pelo major Graça, que lhe deveu a vida, pois o alferes Malheiro fez abaixar uma espingarda que áquelle o visava e ordenou ao seu subordinado que não fizesse fogo. Este moço, muito intelligente e altamente sympathico, emigrando para o Brazil, adquiriu alli, cursando a respectiva Faculdade, o diploma de engenheiro, tendo trabalhado como tal, em varias empresas, com maestria reconhecida. E' irmão do fallecido Ricardo Malheiro, professor abalisado do lyceu de Lisboa e jornalista de talentoso merito, demonstrado no *Intransigente*, que fundou e redigiu, quasi exclusivamente durante annos em Vianna do Castello. O alferes Malheiro, antes de conseguir retirar-se para Hespanha, o que realisou embarcando na Povoia do Varzim, esteve homisiado no Porto, pela intervenção prestimosa e dedicada d'um leal amigo de seu irmão e quasi integralmente seu homonymo, de nome e appellido, Ricardo Malheiros, cavalheiro hoje director de um banco n'esta cidade. E no Brazil o alferes Malheiro commandou com distincção um batalhão de voluntarios portuguezes que da Bahia fôram ao Rio pôr-se ás ordens do marechal Floriano Peixoto, a quando da desastrosa revolta promovida pelo almirante Custodio de Mello e secundada posteriormente por Saldanha da Gama.

A par com o do alferes Malheiro apresenta-se na estampa o retrato do grande alliciador civil da revolta, Santos Cardoso; elle foi incansavel na organização da conjura e a sua casa, á rua do Costa Cabral, parecia nos ultimos dias chegados á revolta um verdadeiro quartel-general. Santos Cardoso era, de resto, um velho propagandista, poisque a sua acção jornalística vem já dos tempos remotos da primeira mocidade de Guilherme Braga, na *Gazeta Democratica*, que Santos Cardoso fundou e onde collaboraram Vieira de Castro, Fernando Chrysotomo e Amorim Vianna. Com este teve depois uma

polemica Santos Cardoso, por motivo de uma carta preambular á sua obra *Verdades de sangue*, que fôram prefaciadas tambem por Alves da Veiga. Condemnado vingativamente a um degredo duro em Africa, conseguiu d'alli evadir-se, não sem gravosas difficuldades, estando depois emigrado em França e na Hespanha.

Toda a gente no paiz conhece o chefe civil da revolução republicana do Porto no 31 de Janeiro de 1891, o dr. Alves da Veiga, um dos vultos mais antigos e persistentes da democracia portugueza. Elle foi o fundador do Centro Republicano d'esta cidade; elle quem sustentou o primeiro diario da manhã republicano do Porto, *A Discussão*, onde collaborou assiduamente. No Porto fez o dr. Alves da Veiga numerosas e brilhantissimas conferencias de propaganda e foi candidato ás eleições de deputados. Já em Coimbra se salientara pela sua fé e dedicação; assim o testemunha o semanario *A Republica Portuguesa*, que elle escreveu, conjunctamente com Alves de Moraes e Magalhães Lima, sob os auspicios de seu mestre o dr. Emygdio Garcia. No Porto, depois de formado, Alves da Veiga foi o encarregado durante annos da secção da politica estrangeira na *Actualidade*, jornal de que era proprietario Anselmo de Moraes; a collaboração de Alves da Veiga deu justamente nas vistas, pelo liberalismo rasgado e desprendido das apreciações, isto na epocha revolta das tentativas reaccionarias da maioria monarchica em França, quando o espirito obscurantista se estendia sobre toda a Europa e pezava tambem aqui sobre as opiniões em Portugal. Emigrando, viveu em Paris Alves da Veiga, que aos emigrados prestou relevantes serviços, tanto em França como em Hespanha.

Deixei para o final d'estas rapidas lembranças do movimento tres dos retratos na serie do topo d'esta estampa, não acompanhando, como até aqui, a ordem da disposição. E isto fiz porque dois d'elles fôram meus companheiros no jornal que, por assim dizer, provocou a revolução.

Um d'elles é Dyonisio Ferreira dos Santos Silva, um dos fundadores da *Republica Portuguesa*, homem de merito pouco vulgar e que, de longa data, se puzera aliás em destaque por sua participação activa e intelligente no duplo movimento operario e societario do Porto.

O outro é João Chagas. Seria ridiculo pretender pôr em relevo perante a opinião a personalidade culminante de João Chagas. O seu valor excepcional não carece de encomios; e o seu nome glorioso dispensa apresentações. Por simples cumprimento do dever de justiça, frize-se, no lance, o stoicismo heroico de João Chagas sob a inflexivel barbaridade da perseguição monarchica, que attingiu, na sua prisão em o segundo degredo em Africa, o paroxysmo da furia frenetica.

O ultimo dos retratos da estampa é o do auctor d'estas succintas memorias. Sem biocos hypocritas, elle está alli de mais, porque a sua participação no acontecimento, a não ser pela anterior acção jornalística, se esta mesmo conta, foi assás modesta.

José Pereira de Sampaio (Bruno).